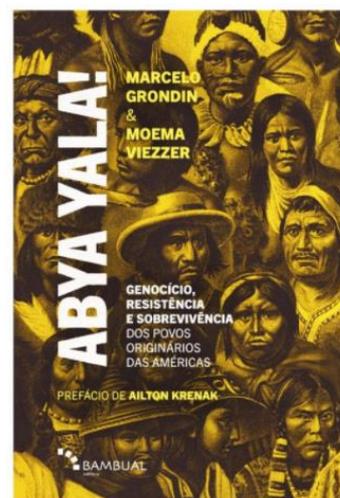


Recensão:

GRONDIM, Marcelo & VIEZZER, Moema. ***Abya Yala! – Genocídio, Resistência e Sobrevivência dos Povos Originários das Américas.*** Rio de Janeiro, Bambual Editora, 2021.



Abya Yala, a retomada do primeiro amor

Marcelo Barros¹

Retomar o primeiro amor é a proposta feita, quando o caminho da aliança comunitária se perde em desvios que nos fazem perder o rumo. Na tradição bíblica, essa expressão era usada quando o povo esquecia o projeto de uma sociedade baseada na justiça. No último livro do Novo Testamento, retomar o primeiro amor é o apelo do Cristo à Igreja de Éfeso (Ap 2, 5).

O livro “*Abya Yala, Genocídio – Resistência – Sobrevivência dos povos originários do atual continente americano*” de Marcelo Grondin e Moema Viezzer representa um forte chamado para recuperarmos neste continente o encanto do primeiro amor social. O próprio título do livro remete ao nome programático para um continente que, em nossos tempos, redescobre sua identidade original e quer refazer a energia vital de amor que a conquista e as diversas etapas de colonização violentaram.

Para os povos andinos, desde a conquista, o mundo está de cabeça para baixo e é necessário reconstituir o *Pachacuti*, ou seja, o equilíbrio de amor representado pela energia da *Pachamama*, (que os afrodescendentes chamam de *Axé*) o amor que fecunda o universo.

Abya Yala era o nome que no seu idioma original, o povo Kuna, natural da Serra Nevada, no norte da Colômbia e, atualmente, residente na costa leste do Panamá, dá ao conjunto de todas as regiões da atual América. *Abya Yala* significa “*Terra Viva*”, ou ainda “*Terra que floresce*”.

¹ Marcelo Barros é teólogo e assessor de movimentos sociais e das comunidades eclesiais de base. Tem 58 livros publicados no Brasil, dos quais o mais recente foi escrito em coautoria com Henrique Vieira: *O Monge e o Pastor*, Ed. Objetiva, 2020.

No Brasil, os Tupis chamavam esta terra de *Pindorama*. Nos Andes, até hoje se fala em *Tawantinsuyu*. No entanto, atualmente, a expressão *Abya Yala* tem voltado a significar o conjunto deste imenso território que cobre o que os europeus decidiram denominar América.

Em nossos dias, a civilização ocidental afunda em uma crise multifacetada e com consequências trágicas. Para a sustentabilidade do planeta e a justiça eco-social entre os povos, precisamos de uma nova aliança da humanidade. A redescoberta e o diálogo com as culturas dos povos originários e suas tradições podem ser fonte de sabedoria e bem-viver para todos os seres humanos. No entanto, para que este diálogo possa ser justo e fecundo, é fundamental assumirmos a história e realizarmos uma purificação da memória. Para isso, temos de assumir o relato trágico, e ainda pouco contado, do maior genocídio da história da humanidade, praticado desde cinco séculos contra os povos originários das Américas.

Conforme Ailton Krenak, irmão e companheiro que escreve o prefácio deste livro, esta guerra de massacre e genocídios contra as comunidades indígenas ainda não terminou. E parece cada dia mais violenta. Em termos de violência e de crueldade, a realidade narrada de forma fiel por Marcelo Grondin e Moema Viezzer deixa qualquer filme de faroeste ou de terror que o Cinema possa ter produzido, longe da atrocidade real.

Os autores resumem esta hecatombe em cinco partes:

Depois de uma introdução sobre as conquistas europeias, a primeira parte do livro relata o genocídio dos povos que viviam no atual Caribe. A segunda parte conta o extermínio dos povos originários do México, sua resistência e atual organização. A terceira parte nos leva para os Andes centrais: “do Império do Sol a “um novo lugar ao sol”, e se encerra com a descrição esperançosa como experiência ímpar: o estado plurinacional da Bolívia. A quarta parte tem um título significativo e que, a cada dia, se comprova atual: “Brasil: o genocídio que ainda não acabou”. A quinta parte é dedicada aos Estados Unidos da América do Norte: “Limpeza étnica como política de Estado” e a sexta e última parte se intitula “Um novo começo”.

Ao ler esta longa história, resumida em pouco mais de 200 páginas, nós nos defrontamos com a história trágica do maior genocídio da história da humanidade: 70 milhões de vítimas entre os povos originários das Américas. Apesar disso, em cada página, por trás de cada palavra, quem ler se sentirá chamado à solidariedade e a entrar em uma nova aliança da humanidade pelo bem-viver. E esta aliança só será possível se for construída a partir dos mais excluídos entre os excluídos da história: os povos indígenas.

Juntos com eles, estamos todos e todas, em busca de um céu no qual caiba a vastidão de nossos sonhos e de uma noite de estrelas que acolha a esperança que temos no projeto de mundo no qual acreditamos. Este livro é fundamental para construirmos este outro mundo, necessário e possível.

Marcelo Grondim é doutor em Ciências Sociais e latino-americanista que viveu em vários países do continente. Moema Viezzer, sua esposa, é uma grande educadora e escritora, com mestrado em Ciências Sociais e grande experiência de militância eco-social. O testemunho da vida deles transparece para nós em vários momentos de sua narrativa. Eles mostram que, atualmente, em todas as partes da nossa *Abya Yala*, movimentos sociais, comunidades indígenas e grupos afrodescendentes se organizam e tomam um protagonismo novo. Apesar de que os impérios sempre tentam destruir a resistência indígena e negra, nunca conseguirão. Como cantava Maria Helena Walsh na voz índia de Mercedes Sosa:

*"Tantas veces me mataron, Tantas veces me morí
Sin embargo estoy aquí, Resucitando
Gracias doy a la desgracia y a la mano con puñal
Porque me mató tan mal Y seguí cantando"*

O sangue deste martírio coletivo e os espíritos destes milhões de Encantados fecundam a atual caminhada. O segredo dela é a sua mística. Por isso, podemos, com o Popol Vuh, livro sagrado dos povos Maia, gritar: "*Que todos se levanten, que todos sejam convidados, que ninguém permaneça atrás. Que desponte já a alvorada*".